

J.-J. ROUSSEAU – VERDADES, UNIDADE DE IDEIAS E PLASTICIDADE

Arlei de Espíndola¹

Resumo: O artigo trabalha com a ideia da unidade da obra de Rousseau envolvendo os escritos de diferentes naturezas que ele produz. Busca mostrar seu caráter dinâmico, multifacetado, plástico, mas também preso às verdades práticas, básicas, e interesses e convicções essenciais, urgentes, ligadas ao útil, ao necessário, para a felicidade do gênero humano, recusando que se faça pouco caso dos atributos que dignificam o homem e lhe cobram tomar partido ante os absurdos do tempo, envolvendo a responsabilidade que teria tudo para encontrar no indivíduo a referência que pode explorar suas saídas, fazendo-o um bom uso, elevando seus horizontes, tornando-se mais conhecedor de si mesmo e generoso. Precisa dos atropelos da vida para aprender com os erros, entretanto, que ameaçam sua subsistência, definem o esgotamento de recursos da natureza, privando-o de buscar meios capazes de lhe auxiliarem enquanto mediadores, levando-o a retomar o eixo que facilita o recurso aos remédios, pois nasce-se, virtualmente, para o bem moral, mas fica-se, no entanto, engeguecido, até se chegar ao eixo novamente.

Palavras-chaves: Iluminismo. Homem. Liberdade. Vontade. Sociedade Política.

J.-J. ROUSSEAU – TRUTHS, UNITE OF IDEIAS AND PLASTICITY

Abstract: The article works with the idea of the unity of Rousseau's work involving the writings of different natures that he produces. It seeks to show its dynamism, multifaceted, plastic character, but also attached to the practical, basic truths, and essential, urgent interests and convictions, linked to the useful, the necessary, for the happiness of the human race, refusing to take little attention to the attributes that dignify man and charge him to take sides in the face of the absurdities of time, involving the responsibility that would have everything to find in the individual the reference that can explore his exits, making it use, raising his horizons, becoming more knowledgeable of himself and generous. He needs the tramples of life to learn from the mistakes, however, that threaten his subsistence, they define the depletion of nature's resources, depriving him of seeking means capable of helping him as mediators, leading him to resume the axis that facilitates the use of remedies, because he is born, virtually, for the moral good, but is, however, bleed, until he reaches the axis again.

Keywords: Enlightenment. Man. Freedom. Will. Political Society.

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

A 4ª caminhada d'*Os devaneios do caminhante solitário*, último trabalho produzido em vida, por Rousseau, é donde se colhe a passagem que segue, fazendo-se nossa referência inicial:

¹ Prof. Associado do Departamento de Filosofia da Universidade Est. de Londrina – UEL/PR. Tendo vínculo com a pós-graduação *stricto sensu* de filosofia, é membro do GIP- J.-J. Rousseau, cadastrado no CNPQ, e da ABES-XVIII. ORCID : <https://orcid.org/0000-0002-2126-8933>. E-mail: earlei@uel.br; earlei@sercomtel.com.br. Este texto, vale dizer, constitui-se em divulgação parcial e preliminar de pesquisa, cadastrada na PROPPG/UEL sob o nº 12944, intitulada *O papel de: As confissões; na construção da unidade da filosofia de Rousseau*, cujos ecos reverberam, estando, ela, em andamento.

Dos poucos livros que leio ainda algumas vezes, Plutarco é aquele que mais me atrai e que me é mais útil. Foi a primeira leitura de minha infância, será a última de minha velhice; é quase o único autor que nunca li sem extrair algum proveito (1995, p. 55).

Tornando-o gesto último, do genebrino Rousseau, enquanto escritor, entendendo-se que modelava ainda, no ano de 1778, quando veio a falecer subitamente, sua 10ª caminhada, significa algo muito estratégico no todo de sua obra produzida; assim como no quadro, também, de minha temática atual de pesquisa, razão pela qual, aliás, requer-se, e até cabe, este cuidado da delimitação para o caso deste presente artigo, em particular.²

1.

Busco aliar esse interesse, genericamente falando, pelos *Devaneios do caminhante solitário*, por Plutarco e sua obra, e nos temas que, por ora, a nós nos absorve. A motivação de reconhecer a figura de Plutarco talvez seja efeito da pretensa criatividade, num primeiro momento, para contornarmos essa emergência, desta cobrança, para falarmos, sendo pego de surpresa, num evento à parte, um pouco fora do nosso âmbito (ver anexo 1). Carecendo por considerar a dimensão, o aspecto, de cunho metodológico, e modelar, na redação do trabalho a desenvolver, articula-se a fala, visando chegar, no fecho, à composição do artigo. Agir, abrindo mão de se revelar erudito, considerando-se as exigências acadêmicas colocadas, estabelecidas, quando a realidade concreta, em nível global, mostra-se caótica, trazendo-se, igualmente, estes aprendizados e convicções, todos, que se acumulam, com os anos de labuta. Focaliza-se a expressão que passa, por certo, a se tornar possível, constituindo-se na mediação a ser cuidadosamente articulada.

Uma fonte de leitura assegurada, como Plutarco, não representa, todavia, algo qualquer, desprezível, ainda mais quando este consegue reivindicar seu valor, tendo sua importância levada em conta, isolando o perigo de ser julgado menor, mesmo aterrissando num campo que não adere estritamente ao teórico, ao filosofar perene, sendo tanto o caso

² O elemento confessional, autobiográfico, a busca do conhecimento de si, o ímpeto para sonhar, a efusão, é identificado sempre na escrita de Rousseau. Mas há três grandes obras que possuem essa característica específica do ato confessional e autobiográfico. Estaria isto nos *Devaneios*, juntamente n'*As confissões*, e igualmente em *Rousseau; juiz de Jean-Jacques: Diálogos*, fechando este rol. Os dois primeiros são de publicação póstuma, tendo acontecido 4 anos após a morte de Rousseau, em 1782. O último, os *Diálogos*, apenas agora encontrou uma edição integral no Brasil, com tradução e publicação por uma Editora Universitária, valendo conferir, nas referências deste artigo, ao final, porque se trata, notadamente, de um acontecimento!

do grego, do período helenístico, quanto os próprios *Devaneios*, bem como os textos e autores, que faltam participar do rol, aqui, a ser acoplado, efetivamente.

2.

Considero o aspecto metodológico, na redação do texto, aliando exigências acadêmicas estabelecidas; assim, busco expressar, valendo-me da clareza, tentando delimitar o raio de incursão, um pouco mais, ante o possível.

A filosofia precisa de abertura ao diálogo, e esta não aparece alheia, nos começos, à sabedoria, ao cultivo da amizade, encaixando-se a lembrança do grego, do período helenístico, com o tipo de fala apresentada, visivelmente, que utiliza, contribuindo com a reflexão de nosso autor atual, de língua francesa, marcado também, o do mundo antigo, por conectar: utilidade, profundidade, junto com o aspecto cristalino do texto, da transparência, no discurso, fazendo-se, no entanto, de gênero especulativo.

Rousseau manifesta, no século XVIII, admiração por Plutarco, e o quanto tem nele uma fonte diferenciada de leitura, vindo isso cooperar com sua formação autodidata. Neste texto, transformado em epígrafe, por figurar no começo da reflexão, reconheço almejar mantê-lo na sua companhia devido a relevância que tem, marcado neste ponto julgado final, de sua dramática existência, por este peso, dado à velhice, a julgar-se a expectativa de vida que se carrega à época, em que já não se está convidado a descobertas extraordinários, em sentido teórico, mas sim ao caráter de *aplicação do que se aprende*.

2.1.

Sabemos que essa não é, por ora, uma regra geral, pois os autores dos quais se beneficia, em seu pensamento, nem sempre figuram na proporção, à parte concentrar-se num ponto, delimitado, específico, que poderia acontecer, ou mesmo, quase não aparecem, sendo citados por ele. Veja-se o caso do nexu, por exemplo, com estoicos e epicuristas, dentre os quais se destacam Sêneca, Epicteto, Marco Aurélio, e, depois, o próprio Lucrécio, ainda que isto implique em vencer, em ultrapassar, tornando-se um grande pensador, as fontes literárias, cogitadas, quando se consuma o avanço.

Com Sêneca, este débito, partindo dos estudos desta relação, foi só amenizado, reconhecendo-se hoje que o lera e que é importante para a formação de suas ideias. Agora, quanto a Plutarco, fomos dispensados, antes mesmo, pelo genebrino, desta dúvida, porém, sobre seu valor, e se o estudara efetivamente – ainda que visasse se

estabelecer enquanto um filósofo original, referente – não importando haver resistência em se fazer assim.

Pode-se argumentar sobre a presença, com efeito, de substratos materiais, palpáveis, experiência acumulada de vida, compondo estas escritas, e que serve para inspirar Rousseau na tentativa de resolver problemas que se coloca, enquanto filósofo, no século XVIII; sendo eles perseguidos igualmente por nós mesmos, aparecendo aqui, como homens do presente, situados no ponto, tempo, e espaço, onde estamos, fazendo-nos abertos ao despertar do pensamento, buscando sempre tangenciar o excesso do porte de máscaras, no sentido do artifício, em nível ao menos da intenção.

É claro que isso não retira o peso, entretanto, da presença do contato com os escritos, livros, e autores clássicos sempre.

3.

Mas volto nesta sequência da escrita, agora a Plutarco, nos *Devaneios do caminhante solitário*, nas linhas que abrem a 4ª caminhada. Ancoro exatamente onde Rousseau dá a chave maior do problema que o pensador grego lhe permite refletir, aqui, de forma mais detalhada. Vindo propiciar a conexão entre o proveito que se pode tirar da oportunidade deixada pelos inimigos – com a sabedoria acumulada –, fazendo-se indiferente às mazelas, e que todos podem de fato viver, arriscam passar, reeditando a máxima, então, do conhecimento da natureza humana, avança um ponto admitindo este exercitar-se, na contraposição, com a busca do alargamento da sabedoria, mas colocando em segundo plano a querela de sua perenidade, seu caráter abstrato, visando aquilo que é útil, independentemente da afronta que isso possa significar, representar, sugerir.

A

Pois indo em frente, ante uma manifestação falsa ou provocativa de um padre, que termina referindo, ao invés de se deixar enganar, opta seguir reconhecendo, todavia, que era válido conservar o princípio socrático, do conhece-te a ti mesmo, enquanto fundamento, não se fazendo conivente com a mentira, ousando ir atrás da verdade, ainda que não a obtivesse. Tendo enquanto mola propulsora, sim, do seu agir, mantendo-o em destaque, o que é mais de acordo, diga-se, com a natureza humana, ainda que a verdade de que fala seja mais o impulso do querer, mas não o fato consumado de algo que se conquista, sendo-se certo do que acontece no sentido do mais essencial, sólido, substantivo; pois mesmo sendo a disposição necessária, aliás, carecendo-se de juventude,

experiências de vida e adversidades, haverá aquela falta do estudo, este desejo de se voltar na direção da sabedoria. Assim:

Para pôr em prática as lições do bom Plutarco, resolvi usar a caminhada do dia seguinte para me examinar sobre a mentira e vim com a opinião já bem confirmada de que o conhecer-se a ti mesmo do templo de Delfos não era uma máxima tão fácil de seguir quanto o julgava nas minhas Confissões (Idem, p. 55).

Recuando agora até a caminhada anterior, a 3ª caminhada, dos *Devaneios*, Rousseau volta a encontrar Plutarco disposto a lhe dizer algo de valioso novamente, apelando a seus escritos. Aqui, optando pelo desfrutar que lhe seria de direito, ao se estabelecer na fase de encerramento da vida, ciente de que passou por experiências e adversidades, o genebrino, vendo-se situado na “*velhice*” e que aí, ao invés de estudar-se a sabedoria, “*é o momento*” de buscar aplicar aquela, isto é, “*praticá-la*” (3ª caminhada), mergulha no estado de afastamento dos homens. Fazendo sua crítica social agora, subjacentemente, quase no instante de completar seu ciclo de vida, beira cada vez mais a aproximação da morte, terminando por declarar ser anunciado o modo correto de gozar, pois, deste desfrute. Eis o alerta que o faz, porém, Sólon, o poeta, cujo sentido é representativo ao genebrino, sendo referido pelo bom Plutarco, que lhe é, como já disse, tão caro:

“envelheço aprendendo sempre” (Vida de Sólon, texto de Plutarco, Rousseau. *Os devaneios*; 3ª caminhada, epígrafe do texto. p. 41).

Essa escolha e opção de vida, implicando que nunca se sabe tudo, ao aproximar-se do fecho de sua jornada, passando a se encontrar solitariamente enquanto é possível, contém esta crítica do que é este mundo em que se subsiste, onde projetos esbarram exatamente nos obstáculos. Mas não somos afeitos, todavia, ao alheamento, ao desinteresse total, e mesmo a existência solitária, retirada, pondo de lado certas adversidades, é certo que convida ao saber. Isto porque a condição humana, com felicidade, implica algum discernimento, apesar de parecer, numa possível plasticidade das ideias, interessar apenas o desfrute deste sentir a existência em meia à natureza, experiência esta que poucos chegam, segundo Rousseau, a conhecer de fato. Contudo:

A meditação no retiro, o estudo da natureza, a contemplação do universo forçam um solitário a lançar-se continuamente para o autor das coisas e a procurar com uma doce inquietude a finalidade de tudo o que vê e a causa de tudo o que sente (Os devaneios, 3ª caminhada, p. 43).

São outras relações que se estabelecem e fica-se convivendo com saudades mantendo poucas esperanças de poder gozar da plenitude em qualquer canto, ainda que isso possa acontecer, desde que se conserve ileso, seja por tornar-se forte, resistir ou lidar com o que se apresenta, ou mostrar-se de outra maneira, cooperando com mudanças, como o foi auxiliar, a seu modo, para o cessar do arbítrio e o ruir da Bastilha, com suas tantas torres, símbolo do regime político despótico, autoritário, antecipando-se à sua morte, em 11 anos, seguindo-se simultaneamente, de modo efetivo, inusitado, e curioso, à do filósofo Voltaire. Eis o que seria o contraste da vida retirada, fantasiada de certa forma por ele, com a sociedade de poder político ilegítimo, de cunho histórico, simbólico, ou de existência hipotética, onde gozaria de outro estado de coisas. Malgrado pudesse experimentar tal elevação em outro lugar, a negatividade, quando menos se espera, aparece:

Quando meu destino me lançou na torrente da sociedade, nada mais encontrei que pudesse deleitar meu coração. A nostalgia de meus doces lazes me seguiu por toda parte e lançou a indiferença e o desgosto sobre tudo o que pudesse se encontrar ao meu alcance que fosse próprio a conduzir ao sucesso e às honras. Incerto em meus inquietos desejos, esperei pouco, obtive menos e senti, nos próprios vislumbres de prosperidade, que, mesmo quando tivesse obtido tudo o que julgava procurar, não teria encontrado esta felicidade de que meu coração estava ávido, sem saber distinguir seu objeto. Assim, tudo contribuía para separar minhas afeições deste mundo, mesmo antes das infelicidades que nele deviam tornar-me completamente estranho (Os devaneios, 3ª caminhada, p. 43).

Aqui aparece demarcado o limiar do tempo, donde se permitiu lutar por vencer, fazendo-se combativo, neste percurso, a fim de buscar trunfos, vitórias, e realizações de projetos importantes. Está na faixa dos 40 anos e não se dispunha aspirar outros feitos maiores, mais robustos, a partir daí. Rememora sua história curiosa de vida, sua constituição moral que fora percorrida até então, passando a projetar sua reforma, moral, carregando a perspectiva de que não aconteceu como gostaria, ao término do percurso, dependendo do auxílio de vários braços e mentes, saídos da independência e do

isolamento em sentido natural. O ano da escrita desta caminhada é 1777, quer dizer, pouco menos de um ano antes de falecer!

B

Suspendo a relação, por ora, do homem que é visto com a vida ditada pelos *Devaneios*, avançando à velhice, e retomo o homem que projeta buscar um lugar ao sol antes com um diagnóstico sobre os problemas. Valendo-se da escrita mais próximo do que seria a de ocasião, motivada pelo concurso acadêmico, primeiro este *Discurso sobre as ciências e as artes*, informado pela iluminação obtida a caminho de Vincennes, que carrega o germe, aliás, de sua filosofia. Tudo parece estar encubado, retido no interior de seu ser, ganhando o mundo externo ante a emoção súbita que sente ao se deparar com o anúncio do concurso promovido pela Academia de Dijon, em 1749, levando-o a sentar ao pé de um carvalho, pensando em encontrar-se contemplado com a oportunidade, quando o identifica no *Mercure de France*, interrompendo temporariamente seus passos até recobrar seu eixo de racionalidade.

A questão proposta valoriza o dispêndio de energia em torno do conhecido registro porque a questão, que vai gerar seu primeiro grande livro, permitindo se conectar o começo e o fim do trajeto, resultando na “*unidade de ideias*”, está relacionada às “*verdades que importam à felicidade do gênero humano*” (Prefácio, *Discurso sobre as ciências e as artes*, p. 3). Ele diz respeito a uma verdade prática, de um saber que não se compõe de coisas vãs, de superfluidades, de elementos descartáveis, devendo a todos dizer algo [Se o restabelecimento das ciências e das artes, no mundo moderno, contribuiu para aprimorar ou corromper os costumes?].

Mas nós nos enganamos se pensarmos que não existe uma “*essência*”, e que esta não esteja apresentada, para ser conhecida. Rousseau antecipou ali, cabe muito dizer, o valor de estudar “*o homem*” para saber, para se certificar efetivamente, sobre o que faz brotar tantos problemas. Menciona o grau de dificuldades já existentes que este projeto de estudos carrega, e do quanto é precário à época ainda.

Caminho ao *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, que foi preparado para o concurso de 1754, e consigo agora entender o quanto é importante apreendê-lo para alcançar a gênese do mundo civilizado, do surgimento da vida política. O texto atinge outro estágio já, no desenvolvimento teórico do genebrino, operando com os conceitos do modelo dicotômico jusnaturalista, que pensa a política, aliás, como artifício, dando forma ao modelo que sabemos, neste ponto, qual é, resultando nos pares de opostos: estado de natureza *versus* estado de sociedade, este

restando dependente do ato de celebrar-se o pacto social, advindo do consentimento, do acordo mútuo!

O saudosismo é um traço bem saliente nestes dois textos, ante o reconhecimento, no segundo, de que o homem é um “*livre agente*” e marcado, depois, pela “*perfectibilidade*”, assim como em outros lugares em que se destaca uma visada romântica e sua fértil imaginação, tendo as origens como modelo sendo enaltecida a vida simples, com a abundância da natureza, no tangente aos recursos, gozando-se de necessidades moderadas, com paixões pouco ativas, tudo guardando um certo equilíbrio.

Eleva este momento em que se está subordinado à ação da natureza, a qual indica o que nos cabe ou não fazer se quisermos conservar a ordem do universo onde tudo guarda seu tempo e lugar. O ser humano se complica, em rigor, ao deixar sua condição própria de unidade natural e incorporar o modo ditado pela cultura exclusivamente, forjando-se enquanto um ser decaído e dilacerado.

Compete-nos destacar que o que produziria este tom é: ora a ação da “*providência*” no mundo, ora a “*lei da necessidade*”, ora a própria clareza de que a produção de recursos, tirando-se forças de que parece não se ter, fazendo-se daquilo algum tipo de virtude, que se fora aquela que receberá o nome de “*estrela bailarina*”, se faz importante para ter-se a presença de “*um novo homem*”, um homem para estes tempos modernos, atuais, ou melhor mesmo “*futuros*”, lembrando-se de Nietzsche, inspirado nos estoicos, trazendo o aprendizado da convivência com isso, aceite implicando em lidar com as dificuldades, este quadro um tanto caótico, sendo que as demandas nunca se resolvem, definitivamente, desde que haja vida.

Mas, o amor de si mesmo, o instinto de conservação, aqui evidenciado, não sendo egoísmo, maldade gratuita, individualismo, no pensamento de Rousseau, fala ora pela escrita representante da espécie, ora do indivíduo, ora da criança que chora e grita, ora do jovem, ora do homem na velhice, salvo apenas se a vida for ameaçada, o que não se pode dizer totalmente, a fim de ilustrar, para um especulador como Hobbes.

Entretanto, na ordem natural, a moralidade apresenta seu contrapeso com a ação simultânea da piedade, que é bondade, podendo ser presente sempre, desde que haja cuidado, respeito, etc. No excesso do artifício, este visa um puro individualismo, egoísmo, amor-próprio, caminhando para o abismo da miséria, da falência, do mal uso de suas “*vocações naturais*”. A síntese perfeita almeja ver brotar, porém, o amor universal, a convivência pacífica, a unidade, mas sem ser próprio à vida concreta uma solução definitiva, senão a finitude que a acolhe.

Está na reflexão de Rousseau tal lição que reverbera produzindo ecos, gerando reflexos, na filosofia da contemporaneidade, expandindo-se ao próprio universo geral da cultura, desde o século XVIII; e o iluminismo, chegando em outros autores de grande importância, a exemplo de Feuerbach, que já se sabe ser mais do que mero ponto de passagem entre Hegel e Marx, mas agregando positivamente, uma vez que gesta sua própria contribuição, seu genuíno ganho, retirando-o da vulgaridade, e colossal estado de pequenez, daquele que segue, aliás, no limbo, ao ser lido por ele mesmo, sendo a leitura destes dois gigantes, naquilo que se associa ao genebrino, algo que viria instruir de fato. Trazendo outro modo de lidar com os conceitos de seu iluminismo, se mostra arredo às convenções simplificadoras e uniformizantes, pois é plural, diverso e dinâmico, ficando definido, no título já, enquanto um escritor plástico, no contrapeso ao que há de essencial, conceitualmente falando.

C

Ora, para fechar a reflexão, vale retornar ao começo de minha escrita aqui, antes mesmo de penetrar neste âmbito mais convencional do trabalho, isto é, antes de as ideias ganharem o fórum dos símbolos linguísticos: *“quando eu perguntei-me sobre o que poderia levar-me em ter interesse por produzir um escrito num quadro como o que se vive atualmente, precisando contar com a referência de Rousseau, por questões, quem sabe, formais!* Pois Rousseau está no passado da escrita filosófica, por meio de suas fontes de leitura, de escritos de que se vale, está no pensar posterior a ele, está noutros âmbitos da cultura.

Basta entender que isso o faz, com efeito, um iluminista às avessas, e por isso tanto é um defensor do iluminismo, no sentido convencional de um pensar racionalista, como nele este mesmo encontra um oponente, um adversário, visto que realiza a crítica de seu dogmatismo, de seu determinismo, de sua defesa do progresso; ora isso se dá pronunciando-se enquanto personagem imaginário, ora enquanto um ser hipotético, ora enquanto um indivíduo solitário, desejoso de que a vida se faça com liberdade, com a dignidade própria ao homem, com sua qualidade efetivamente de homem. Se assim não o for, de que há de valer para nós?

Se o *Emílio ou da educação* (1762) considerado por ele seu *“grande tratado”* é um mundo trazendo tudo de Rousseau, pode-se acreditar neste caráter plástico que ele encerra, mesmo contendo um fundo, uma base, essencial, nele devendo-se tudo colher, repaginando-o depois sempre. É por ironia, mas razoável fechar-se dessa maneira, justo com a epígrafe, extraída de Sêneca, mas que se assenta no seu texto, o qual é um mundo

nele mesmo, fazendo-se na relação, do mesmo modo, com aquilo que é pensado, aliás, por Rousseau.

Sofremos de uma doença curável, e, nascidos para o bem, somos ajudados pela natureza em nos querendo corrigir (Sêneca. De ira, Epígrafe. Emilio ou Da educação, p. 5).

O ideal ético dos estoicos e epicuristas reza por este “*viver segundo a natureza*” seguindo os ditames que são definidos por um movimento interno do humano, antes de acontecer sua derrocada, que conserva, pelo que se pode ver, alguma coisa de intocado, ileso, ao tempo que este, o homem, unido por esta dimensão cósmica, precisa da experiência, mas não sendo embalado, exatamente, por aquilo que está na moda, ainda que ficar fora da moda costuma incomodar bastante.³

Parece ser nisto mesmo que reside a ideia, pois o genebrino, estando no Século das Luzes, escreve para ser entendido, no presente, por um homem que não está ali para captar o sentido de seu discurso, segundo ele, motivo pelo qual se refaz este sempre a cada século, mas ganha-se, mesmo assim, ao se aceitar e perceber sua unidade teórica.

D

Atenhamo-nos, para fechar, ao ponto referido dos *Devaneios*, onde nos lembra de Sólon falando da velhice e depois avança, com a referência direta a Plutarco, na 4ª caminhada, dizendo de sua utilidade sempre, querendo ele aqui tirar proveito da mentira

³ O Cap. 13, livro II, do *Sobre a ira*, de Sêneca, cuja epígrafe se compõe no *Emilio* com a transcrição de Rousseau, bem merece ser lida na íntegra, fazendo-se texto instrutivo, sendo relativamente curto, razão pela qual brindo o leitor com sua transcrição aqui em tradução agora acessada: “*não há por que buscarmos para nós uma defesa e uma licença justificada, dizendo tratar-se de algo útil ou inevitável. A qual vício faltou, por fim, um defensor? Não há por que dizer que não se pode extirpar a ira: padecemos de males curáveis e, como nascemos para o bem, se quisermos nos emendar, a própria natureza nos ajuda. Nem é árduo e áspero, como pareceu a alguns, o caminho para as virtudes: facilmente nos aproximamos delas. Não venho até vós como mentor de ideias vãs. É fácil o trajeto para uma vida feliz: apenas empreendi-o sob bons auspícios e com a boa ajuda dos deuses. Muito mais difícil é fazer o que fazeis. O que é mais repousante do que a quietude da alma? O que é mais fatigante do que a ira? O que é mais leniente do que a clemência? O que é mais atribulativo do que a crueldade? A pudicícia descansa, a libido é ocupadíssima. Enfim, o cuidado de todas as virtudes é fácil, os vícios são cultivados com alto custo. A ira deve ser eliminada. Isso em parte reconhecem também aqueles que dizem que ela deve ser atenuada. Seja excluída por inteiro, não será de proveito algum. Sem ela, com mais justiça e com facilidade serão suprimidos os crimes, os maus serão punidos e modificados para melhor. Tudo o que o sábio deve empreender, ele o fará sem o auxílio de qualquer meio nocivo, e não irá introduzir nada cujos limites ele precise observar atentamente*” (SÊNECA, “*De ira*”, 2004, p. 126-127). Talvez Rousseau entenda-a enquanto algum componente da natureza e por isso representaria mutilar o homem pensar em ver-lhe sem este recurso totalmente, que poderia, em algum momento, servir enquanto mecanismo de proteção. O ponto, contudo, aqui, no *Emilio*, é residente na nossa inclinação para o bem moral, e, neste caso, basta estarmos atento aos sinais apresentados pela natureza para não nos extraviarmos, sem precisarmos da ação de ausência de apatia, preferindo-se haver esta ansiedade mesmo.

e desrespeito para com o conhecimento. Isso para buscar de fato o que é, desejando mesmo fazer o papel que caberia ao homem livre, com algum grau de sabedoria, fugir à regra, entendendo que o saber e a ignorância existem.

Ao buscar pôr em prática Plutarco, aterrissando, por ora, no ponto da 5ª caminhada, que associa “vida” e “movimento”, seria útil para entender esta relação com o plano do que acontece no afã de se certificar que é esta dita realidade concreta, algo que importa de fato considerar quando o risco da existência se apresenta devido a própria letargia provocada pela falta de movimento quando já se conserva alguma noção do que se passa por força do avançar do tempo e da experiência. Há um ponto ótimo de equilíbrio dessas coisas que afastam a letargia, a tristeza, o excesso, permitindo o desfrute do “*sentimento de existência*” (Os devaneios, 5ª caminhada, p. 76) capaz de transformar a vida em algo feliz que mais facilmente pode acontecer assim, mas não necessariamente, distante deste “*tumulto da vida social*” (idem, p. 78).

A crítica aqui aparece implícita à sociedade política do antigo regime, ou ainda a própria ordem civilizada, ou a sociedade política fora do plano do direito, pois ainda que não se faça necessária a vida tranquila em meio à natureza para tal condição, dificulta nela estando a possibilidade de separar-se o imaginário e o factual dada a elevação de nível, atingida aí no viver. De maneira que “*voltando pouco a pouco*” (idem, p. 77) a ele mesmo e ao que lhe rodeava neste espaço “*não podia marcar o ponto de separação entre ficções e realidades*” (Idem, p. 77) tanto que passa a apreciar demais o recurso desta vida retirada, da companhia ampliada consigo mesmo, que chegou levar no encerramento de seus dias neste âmbito de seu gozo, de sua almejada plenitude:

De que desfrutamos numa tal situação? De nada de exterior a nós, de nada a não ser de nós mesmos e de nossa própria existência; enquanto este estado dura bastamo-nos a nós mesmos como Deus. O sentimento da existência, despojado de qualquer outro apego, é por si mesmo um sentimento precioso de contentamento e de paz, que sozinho bastaria para tornar esta existência cara e doce a quem soubesse afastar de si todas as impressões sensuais e terrenas que vêm continuamente nos afastar dela e perturbar, na terra, sua suavidade (Os devaneios, 5ª caminhada, p. 76).

Ainda seguirá havendo, pelo que se mostra aparentemente na escrita, a cobrança por um certo mérito, um devido discernimento, a fim de compreendermos estes enigmas. Não se isola de todo o ditame de que luzes próprias é que informam a inclinação por esta

busca muita elevada. Não é tratado de algo que chega de graça, por força do acaso, mas uma conquista e uma opção por este caminho, uma atitude, uma compensação, revelada pela ação virtuosa, que é o modo como é definida, segundo as *Cartas a Lucílio*, epístolas estas cunhada faz tempo, cabe indicar, por Sêneca, sintetizando suas ideias.

A plasticidade de que se fala aqui diz respeito ao poder de Rousseau de nos permitir a síntese desejada realizar lidando com os materiais bibliográficos que nos fornece, digerindo o que lê. Existe um substrato virtual de pensamentos, carregando alguma potencialidade em essência, cuja atualidade é dependente de quem a manipula e qual o grau de pudor possui em ativá-las, e devolvê-las, como outra, ao tempo que passa por outros filtros e mediadores.

Não por acaso ele demora tanto para ser entendido galgando o posto de filósofo efetivamente, não pelo julgamento que este empreende de si mesmo ou por repudiar um certo tipo de filósofo, alheio completamente ao mundo. Assim, tem-se ao final tantos Rousseau quantos de fato o leem, ainda que isto seja algo que parece carregar um exagero visto que o substrato conceitual, de base, que o define é existente, como é próprio de todo o filósofo que se preze.

E

Cabe acreditar que é assim mesmo que as coisas se dão, ou seja, é preciso que haja o ato do “*despertar*”, representando uma descoberta, uma experiência única, a que fala Karl Jaspers, na sua *Iniciação filosófica*, que não significa, por isso, ato de mera introdução. Alguém pode viver, sem experimentá-la nunca, portanto, ficando fora do plano da humanidade.⁴ Enfim, nos começos da vida, se o filosofar é uma prática, uma realidade, que não acontece, o ideal não se realiza, o desejo não gera tanto frutos, não promove, o impulso, e seguimos observando, então, o homem com sua vida precária, este tende a assimilar, então, seu estado que o leva a mergulhar em sua onda de *alienação*”.⁵

Deixo a pergunta sobre o que há de ser este “*despertar*”, considerando suas diferentes possibilidades teóricas numa vida que é dinâmica e que aparece sempre em

⁴ Eric Fromm também me permite essa lembrança, que tive com o prefácio de *Iniciação filosófica*, de Jaspers, utilizando-se da palavra “*despertar*”, mas este último, quer dizer, o adepto da psicanálise, a inseri no contexto humanista, mas mais dogmático talvez, porque otimista com relação ao homem em torno de suas possibilidades. Diz ele: “*Creio no aperfeiçoamento do homem, mas duvido que ele atinja esse objetivo, se antes não despertar*” (FROMM, E. 1986. p. 170)

⁵ Preciso dizer que é a figura de Ludwig Feuerbach que veio à lembrança, pois é a detecção da alienação religiosa o modo com o qual ele contribui ao desenvolvimento da filosofia crítica marxiana. Seria por essa esfera que o trabalho carecia ser começado, e ele o fez com êxito, segundo este último, testemunhando-nos com a *Essência do cristianismo* (1841).

movimento. É certo que neste momento presente se experimenta a carência do aceite das mediações melhores possíveis, e é preciso dar-lhes crédito e abertura também para saber de sua atualidade e fertilidade.

Retomo o pensar de Sêneca, curiosamente o preceptor de Nero, e afirmo que María Zambrano (1994) reúne elementos capazes de justificar que este foi exímio neste sentido, definindo-o assim: “*Sêneca mediador*”⁶, reunindo-o com suas condições, fazendo-se uma figura esperada realmente, dado este seu perfil, naquele momento histórico, cumprindo, segundo a intérprete, semelhante ditame, ora prescrito. “*Condição de mediador [...], é certo, pode surgir em qualquer tempo e ocasião, mas [...] o fizeram com mais abundância naquela época do florescimento de nosso filósofo*”. (Id., *ibid.*). E conforme o entendimento, finalmente, de Zambrano:

“Sêneca vem a ser assim a realização de algo cuja necessidade era sentida intensamente, o cumprimento do anelo disperso com todos os homens; vem a ser também, como a versão autêntica de muitos apócrifos. Entre todos os Sênicas da hora, o verdadeiro” (Id; ibid).

Ora, Rousseau teve oportunidade de notar, ao ler o estoico romano, no quadro do século XVIII, que este produziu uma cultura importante, gerando ele próprio a forma de seu estoicismo. Assim, faz-se digno de aparecer nestas nossas sugestões complementares de mediações, ainda mais quando já garantiu o caráter de algo que vale se debruçar efetivamente, começando por nos indicar o nome de Plutarco, mas se apresentando, originalmente, enquanto “*estoico*” e “*romântico*”. Isto na medida em que ao nos trazer a teoria cogitada por ele da “*soberania popular*”, com o trunfo, suposto, da “*vontade geral*”, em meio a suspeitas que, para o bem ou para o mal, inevitavelmente se fazem elementos que se desenvolvem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁶ “Não é Sêneca um pensador dos que pensam para conhecer, embalados em uma investigação dialética, nem tampouco o vemos lançado na vida, afogado em seus negócios e afazeres e alheio ao pensamento. E propriamente um mediador, um mediador, por suposto, entre a vida e o pensamento, entre esse alto logos estabelecido pela filosofia grega como princípio de todas as coisas, e a vida humilde e misteriosa” (ZAMBRANO, M. “Introducción”. p. 31-32).

Toda e qualquer clássico justifica sua leitura, e ler, um ou outro, é o modo de avançar o ponto de vista, sendo o caráter dogmático e o preconceito algo que produz o adiamento desta ampliação de horizontes mais efetivos.⁷ Enquanto isso acontece, sabe-se da existência de doenças conhecidas já de tempos, ou só agora vindas a cena, mas fica-se na expectativa da chegada de “*remédios*”. Em nosso caso, com o recurso a teorias, pensamentos, reflexões, é preciso incentivar o estudo, a realização das pesquisas, e o entendimento de que o “*paradoxo*” (E) não representa exatamente um problema, diferentemente do que é produzido pelo “*preconceito*” (E), devendo este último superar o pouco saber, ante as tantas dificuldades impostas pela ignorância e seus freios que não se apresentam, aliás, enquanto a ignorância feliz, “*que nos protege de males maiores*”(DCA), nos começos.

Estando na posição, finalmente, do teórico, seja da política, seja do direito, o que lhe cabe é “*escrever sobre política*”, pois caso tivesse na posição oposta “*não perderia*”, neste contexto, seu precioso “*tempo*” (CS) que dispunha para usar. É justo este talento e iniciativa de escrever que o leva a retornar com o proveito sobre a sociedade do tempo com o registro das tantas caminhadas, dos devaneios, do registro sobre o saber útil, sem ser pragmatista, das verdades morais, sendo um intelectual, um escritor, que experimenta o retiro do campo e, ciente do que pode fazer e influenciar, escreve, diagnostica, analisa, projeta, e mantém seu pensamento vivo, e dinâmico, único que de fato a nós realmente empolga, pois rejeita o dogmatismo.

Chega-se, aqui, ao genebrino, vendo-o pintado, todavia, por Romain Roland (1960) neste volume, traduzido por Cruz Costa, intitulado *O pensamento vivo de Rousseau*. Confirma-se então esta minha suspeita de que o Jean-Jacques Rousseau esperado no presente, para servir de mediador, como o faz Sêneca, Plutarco, é este cuja faceta do teórico só nos leva a meio caminho da verdade, requerendo este trânsito por estes meandros cheios de coisas que precisamos saber e considerar, porque, do contrário, não saímos do lugar, não trocamos a lente do óculos, e seguimos limitados em nossa

⁷ “Este horror ao dogma o faz relativizar aquilo em que mais acredita, a noção central de Sêneca e de todo estoico de razão. Razão cósmica da que a razão humana é unicamente reflexo. Não é o *logos* princípio do mundo, senão a medida, a lei da natureza invariável e inflexível” (ZAMBRANO, M. “Introducción”, p. 79). Sêneca, de acordo com Zambrano, torna-a “flexível até onde ele pode. Mas é que ao que regressar Sêneca é a antiga fé de Heráclito da razão como medida entre contrários, a harmonia dos contrários. E ao ser a razão medida e harmonia, a lei fica quase impossível de fixar-se. Daí que surge a verdadeira medida não pode encontrar-se em um dogma, senão em um homem concreto que percebe com sua harmonia interior a harmonia do mundo. É uma questão de ouvido, uma virtude musical a do sábio; é uma atividade incessante que percebe, e é um contínuo acorde. É, em suma, uma arte. A moral se resolve em estética e como toda a estética tem algo de incomunicável” (Id., *ibid.*, p. 80).

leitura, coisa que supomos superado, fazendo votos de que pese uma experiência relativamente grande de estudos, se este de fato importa ao leitor, ficando livre para deliberar, entendendo que as consequências, salvo fundamentação contrária, estão dadas.

Não seria por acaso que o genebrino é identificado por ele mesmo enquanto único, enquanto um ser diferente, e poder-se-ia considerá-lo na esteira, inicial, da pós modernidade, como o faz Trousson (1995). George May trata de asseverar: “*c’est parce qu’il unique que son portrait n’est mais finis*” (MAY, 1961, p. 162). Mas será preciso aderir-se ao caminho inverso não para gerar uma verdade dogmática, mas ao menos entrar no trilho, conduzindo-o a identificar, pouco a pouco, a unidade, que trará outro norte, para o problema da cisão do humano, sem ruptura com o aparecimento do novo, sempre enquanto forma de crescimento, de superação, de estado de maior alegria, de saúde, enfim, de aceitação, até, do que é, como é, etc., mas não enquanto uma trava, um freio, capaz de congelar, tornando-nos inertes, mas sim essa viva abertura para o movimento.

Referências bibliográficas :

BLOMM, Allan. **Jean-Jacques Rousseau**. In.: Leo Strauss y Joseph Cropsey (compiladores). *Historia de la filosofía política*. México, Fondo de Cultura Económica, 2001, p. 529- 548.

BOULAD-AYOUB, J. et alii (eds.) **Rousseau; antecipateur-retardataire**. Québec/Paris: Les Presses de l’Université Laval/L’Harmattan, 2000

BURGELIN, Pierre. **La philosophie de l’existence de J.-J. Rousseau**. Paris, Vrin, 1973.

CASSIRER, Ernst. **La philosophie des lumières**. Trad Pierre Quillet. Paris; Fayard, 1970

ESPÍNDOLA, Arlei de. **Jean-Jacques Rousseau; gênese da moralidade, liberdade humana e legitimidade**. Passo Fundo, RS: Editora UPF, 2010.

_____. **Rousseau – Iluminista às avessas**. Campinas, SP; Editora Phi, 2019.

_____. **Nota sobre a amizade, a vida retirada, e a plenitude, a partir da filosofia de Rousseau**. Veritas, Porto Alegre, v. 62, n. 1, janeiro-abril 2017, p. 257-273.

_____. **Ludwig Feuerbach – confere aplicá-lo o rótulo de ateu inveterado?** Dialectus, ano 10, n 21, janeiro -abril 2021, p. 318-339.

FEUERBACH, Ludwig. **L’essence du christianisme**. Trad. de Jean-Pierre Osier. Paris: Gallimard, 2011

FROMM, Erich. **Meu encontro com Marx e Freud**. 7 ed. Trad. de Waltensir Dutra. RJ: Guanabara, 1986.

KANT, Immanuel. **Começo conjectural da história humana**. Trad. de Edmilson Menezes. SP: Editora UNESP, 2010.

MAY, Georges. **Rousseau par lui-même**. Paris: Éditions du Seuil, 1961.

MARIA R. B. Bettiol e ANTONIO Hohlfeldt (orgs.). **O século das luzes; uma herança para todos**. POA/RS: Tomo Editorial/ Editora Movimento, 2009.

ROMAIN ROLLAND (Apresentador). **O pensamento vivo de Rousseau**. Trad. de João Cruz Costa. SP: Martins Editora, 1960.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discours sur les sciences et les arts; Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes; Du contrat social**. Oeuvres complètes., v. 3, Paris, Gallimard, 1964 (Bibliothèque de la Pléiade).

_____. **Émile ou de l'éducation**. Oeuvres complètes., v. 4, Paris, Gallimard, 1969 (Bibliothèque de la Pléiade).

_____. **Les confessions; Rousseau - Juge; de Jean-Jacques Les rêveries du promeneurs solitaires; Fragments autobiographiques; Ébauches des confessions; Mon portrait; Lettres à Malesherbes**. Oeuvres Complètes., v. 1, Paris, Gallinard, 1959 (Bibliothèque de la Pléiade).

_____. **Lettre sur la musique françaises**. Oeuvres complètes., v. 5, Paris, Gallimard, 1995 (Bibliothèque de la Pléiade).

_____. **Os devaneios do caminhante solitário**. Org. e trad. de Fúlvia Maria Luíza Moretto. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991.

_____. **Textos autobiográficos & outros escritos**. Trad., introd. e notas Fúlvia Maria Luíza Moretto. SP: Editora da Unesp, 2009.

_____. **Rousseau juiz de Jean-Jacques: Diálogos**. Trad. de Claudio A. Reis e Jacira de Freitas. SP: Editora da Unesp, 2022.

_____. **As confissões**. 4ª ed. Pref. e Trad. de Wilson Lousada. RJ: Nova Fronteira, 2018.

SÊNECA, L.A. **Sobre divina providência; Sobre a firmeza do homem sábio**. Trad., introd. e notas de Ricardo da Cunha Lima. SP: Nova Alexandria, 2000.

_____. **Sobre a vida feliz**. Trad. Notas e introd. de João Teodoro D'Olim Marato. SP: Editora Nova Alexandria, 2005 (edição bilíngue).

_____. **Sobre a ira; sobre a tranquilidade da alma**. Trad, introd. e notas de José Eduardo S. Lohner – 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

STAROBINSKI, Jean. **A transparência e o obstáculo; seguido de sete ensaios sobre Rousseau**. Trad. de Maria Lucia Machado. SP: Companhia das Letras, 1991.

STRAUSS, Leo. **Direito natural e história.** Trad. de Miguel Morgado. Lisboa: Edições 70, 2009.

TROUSSON, Raymond. **Jean-Jacques Rousseau;** gracia y desgracia de una conciencia. Versión española de Mauro Armíño. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

ZAMBRANO, María. **Séneca.** Madrid, Ediciones Siruela, 1994.

ANEXO I

Comemora-se em 11 de agosto o dia do estudante, e a versão inicial deste escrito acima serviu de base a uma palestra, na atividade acadêmica, via internet, em uma mesa-redonda, de um Projeto de Extensão, de certo modo inovador, que fui convidado a participar. Ora, a partir daí, outros desta natureza passaram a ocorrer, e já não se tratava de algo novo, valendo, portanto, o registro de seu pioneirismo, no contexto pós covid-19 em nosso país.

Julgando o nexu com esta apresentação e o seu amadurecimento agora enquanto texto, mas vinculado às minhas pesquisas, reservo-me o direito de levá-lo a público, entendendo-o como um outro material, considerando adequado, porém, mencionar esta experiência originária, tão rica, que foi esta interlocução direta, aliás, com um este grupo de pessoas, este público, bem diferente do que se costuma ter, no dia-a-dia, na sala de aula, em nossos domínios.

Todo esse comentário justifica os aspectos introdutórios, com efeito, que ultrapassam a esfera metodológica. Reconhecendo o ganho da amizade e do diálogo, pode-se dizer que estes valores asseguraram a aproximação desprendida entre pessoas que não se conheciam e nem se baseavam em interesses privativos ou tinham uma conduta guiada pela astuciosidade, pela esperteza. Tratou-se de um evento ocasional, de algo fortuito, mas favorável, pelo fim, por conta destes ingredientes, de grande utilidade, como vale notar.

[A referência é ao: “Proj.de Ext.” PEPM, executado no Dep. Fil. UERN/Campus de Mossoró e proposto pelo Prof. Dr. João B. B. do Nascimento, decano do Dep. A mesa tematizada: Política e Sociedade em Rousseau, cujo feedback contou, além de mim, com a presença do Prof. Dr. Telmir de Souza Soares, que é leitor de Rousseau, enquanto especialista, tendo desenvolvido tese sobre o autor, qualificando, pois, nosso trabalho, aqui, na presente mesa, à época.]

119

ADENDO NECESSÁRIO

Este ano de 2023, conviver com perdas, cabe dizer, aparece na ordem do dia, ainda, dando sequência ao iniciado quatro anos antes. Tudo se mostra muito associado!....: proximidades, distâncias, perdas, ganhos, etc., e o dinamismo da vida, seguindo a trilha que lhe é própria.

O meu projeto de pesquisa, em curso, (cadastrado sob o nº 12944) estimula, instiga, favorece, ao final, este tipo, é bem verdade, de quadro, de memória, com a tonalidade melancólica, embora se reconheça que a intenção é ampliar-se forças, aumentar-se as energias, para se resistir, driblando-se a sorte, aliás, de dificuldades, até que se julgue, pelo menos, haver feito o que era devido ou se precisava fazer! É certo que é duro, ao fim e ao cabo, que as coisas estão dadas, só sabemos, no entanto, para que lado vai, geralmente, depois, sendo este o panorama pelo qual nós nos vemos absorvido!

Apresentar-se desta forma pode parecer estranho, mas se acreditarmos, na verdade, que há um peso na opinião, fato é, também, que termos a iniciativa de propor meditar, refletir, sobre o que

pode ser entendido ou como dissidência, ou como resistência, julgando-se, numa paráfrase ao texto de um estudioso dos Devaneios, e demais escritos confessionais e autobiográficos, de Rousseau, que se trata, portanto, de uma, digamos assim, tomada de posição, descartando a violência, a barbárie, enquanto recurso, e também o arbítrio, ou a luta armada, escolhendo-se o recurso do argumento, e do direito de decidir como participar do fazer social, não perdendo o horizonte da ética, respeitando-se, portanto, as diferenças, faz-se alguma coisa de bem positivo e otimista.